

supporia uma humilhação o ocupar-se com a *dança das rans*?

Entretanto, algumas pessoas assaz modestas para convirem que a natureza bem podia ainda não lhes haver dito a ultima palavra, quizeram vêr, como por descargo de consciencia; mas aconteceu que o pheno-meno nem sempre lhes correspondeu á expectativa, e por não se ter elle produzido constantemente segundo a vontade dos experimentadores, e nas condições em que se collocavam, concluiram pela negação. Apesar disso, as mesas continuam a girar, e nós podemos dizer como Galileu: *todavia ellas movem-se!* Diremos mais: os factos multiplicaram-se de tal modo que hoje são incontestaveis, limitando-se a questão sómente a achar-lhes uma explicação racional.

Poderá depor contra a realidade de um pheno-meno o facto de não se produzir elle de modo sempre conforme á vontade e ás exigencias do observador? Porque os phenomenos da electricidade e da chimica não são subordinados a certas condições, segue-se que devemos negál-os quando não se manifestem fóra delas? Nada ha de admiravel em que o pheno-meno do movimento dos objectos pelo fluido humano também exija determinadas condições e não se dê todas as vezes que o observador, collocando-se num certo ponto de vista, pretenda fazê-lo prosseguir obedecendo ao seu capricho, ou sujeitál-o ás leis dos phenomenos conhecidos, sem considerar que, para factos novos, pôde e deve haver leis novas. Para conhecer essas leis é necessário estudar as circumstancias em que os factos se produzem, e esse estudo não pôde ser si-

não o fructo de uma observação perseverante, attenta e mesmo muito longa.

Mas, dizem certas pessoas, muitas vezes ha nisso manifesta fraude. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, si estão bem certas da existencia de tal fraude; si não foram levadas a essa supposição pelos effeitos que não podiam explicar, assim como o camponio que tomava por habil escamoteador um sabio professor de physica que fazia as suas experiencias. Supondo mesmo que a fraude se dêsse algumas vezes, será motivo para negar o facto? Devemos condennar a physica por haver prestidigitadores que se adornam com o título de physicos? Convém attender sempre ao carácter das pessoas e ao interesse que elles possam ter em nos enganar. Será tudo isto apenas uma brincadeira? É possivel o divertimento por algum tempo; mas uma brincadeira prolongada indefinidamente seria tão fastidiosa para o mystificador como para o mystificado; e nessa mystificação, que se propaga de um a outro extremo do mundo e entre pessoas as mais conceituadas, honestas e esclarecidas, não deixaria de haver alguma coisa tão extraordinaria como o proprio pheno-meno.

## IV

Si os phenomenos de que nos ocupamos se limitassem á movimento de objectos, não ultrapassariam o domínio das sciencias physicas. Mas não aconteceu assim; a observação desses phenomenos devia levar-nos á descoberta de factos de ordem estranha.

Por iniciativa, não sabemos de quem, julgou-se descobrir que o impulso dado aos objectos não era o simples producto de uma força mecanica e cega, mas que nesse movimento se patenteava a intervenção de uma causa intelligente.

Franqueado esse caminho, tinha-se um campo de observações totalmente novo, levantava-se o véo que nos escondia muitos mysterios. Haveria, com effeito, ahi a acção de uma potencia intelligente? Tal era a questão.

Si essa potencia existia, o que era ella, qual a sua natureza e origem? Estaria acima da humanidade? Eram questões que dimanavam da primeira.

As primeiras manifestações intelligentes produziram-se por intermedio de mesas, que se erguiam e batiam determinado numero de pancadas com um dos pés, respondendo desse modo *sim* ou *não*, segundo o convenio, ás perguntas que se lhes faziam. Até ahi nada haveria ainda capaz de convencer os scepticos, porque podiam continuar a crer num effeito do acaso. Depois obtiveram-se respostas mais desenvolvidas pelas letras do alphabeto; o movele, batendo um numero de pancadas correspondente ao numero de ordem de cada letra, chegava assim a formar palavras e phrases, respondendo ás perguntas feitas. A justeza das respostas e sua correlação com as perguntas, causaram admiração. O ente mysterioso que respondia por esse modo, interrogado ácerca da sua natureza, declarou ser um *Espirito ou Genio*; deu o seu nome e forneceu informações diversas a seu respeito. Esta circumstancia é muito importante, porque ninguem se tinha lembrado

dos espiritos para explicar o phenomeno; foi o proprio phenomeno que revelou a sua natureza. Muitas vezes, nas sciencias exactas, fazem-se hypotheses para haver uma base ao raciocinio; aqui, porém, não se deu isso.

Este meio de correspondencia era demorado e incommodo. O espirito — e isto é ainda uma circumstancia digna de nota — indicou outro meio. Foi um desses seres invisiveis que aconselhou a adaptação de um lapis a uma cesta ou a outro objecto. Essa cesta collocada sobre uma folha de papel, foi posta em movimento pela mesma potencia occulta, que fez mover as mesas; mas, em vez de fazer um simples movimento regular, o lapis traça por si mesmo caracteres formando palavras, phrases e discursos, que ocupariam muitas paginas, tratando das mais altas questões de philosophia, moral, metaphysica, psycologia, etc., e isso com tanta rapidez qual se a propria mão estivesse escrevendo.

Esse conselho foi dado simultaneamente na America, na França e em diversos outros paizes. Eis os termos em que foi elle dado em Paris, a 10 de Junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina, que já havia muitos annos, desde 1849, se occupava com a evocação dos espiritos: «Traze do apenso proximo uma cestinha, prende-lhe um lapis, coloca-a sobre o papel e põe-lhe os teus dedos sobre as bordas.» Alguns instantes depois a cesta começou a mover-se, e o lapis escreveu muito legivelmente a seguinte phrase: «Prohibo-vos expressamente de com-

municar a pessoa alguma o que acabo de dizer; outra vez escreverei melhor. »

Como o objecto a que se adaptára o lapis era apenas um instrumento, a sua natureza e fórmā eram-lhe completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais commoda e por isso é que muita gente ainda hoje se serve de uma prancheta com o mesmo resultado.

Cestinha ou prancheta entretanto não podem ser postas em movimento senão sob a influencia de certas pessoas, dotadas para isso de um poder especial, as quaes se designam com o nome de *mediuns*, isto é, mediadores ou intermediarios entre os espiritos e os homens. As condições que dão esse poder dependem de causas, ao mesmo tempo physicas e moraes, ainda imperfeitamente conhecidas, sendo que existem mediuns de todas as idades, de ambos os sexos e com todos os graus de desenvolvimento intellectual.

Essa faculdade, além disso, desenvolve-se pelo exercicio.

## V

Mais tarde descobriu-se que a cestinha e a prancheta eram apenas um appendice da mão, e que o medium, tomando directamente o lapis, escrevia por um impulso involuntario e quasi febril. Por esse meio as communicações se tornaram mais rapidas, mais faceis e completas. É este o methodo mais generalizado hoje, tanto mais que o numero das pessoas dotadas

dessa aptidão é muito consideravel e multiplica-se todos os dias. A experiēcia, enfim, fez conhecer muitas outras variantes dessa faculdade, e soube-se que as communicações podiam igualmente produzir-se pela palavra, audição, vista, tacto, etc., e mesmo pela escripta directa dos espiritos, isto é, sem o concurso da mão do medium, nem do lapis.

Conseguido este facto, restava averiguar um ponto essencial: o papel do medium nas respostas e a parte que ahi podia ter mecanica ou moralmente. Duas circumstancias capitales, que não devem escapar ao observador attento, podem resolver a questão. A primeira é a cesta mover-se ao simples contacto dos dedos do medium, que não pôde, desse modo, imprimir-lhe direcção determinada. É isso uma impossibilidade que se torna ainda mais patente quando duas ou tres pessoas conjuntamente apoiam as mãos sobre a cesta. Seria preciso entre elles uma concordancia de movimentos verdadeiramente phenomenaes, e, além disso, inteira concordancia de pensamentos para darem resposta identica á pergunta feita. Outro facto, não menos singular, vem ainda augmentar o embaraço: é a mudança radical da fórmā da letra quando outro espirito se manifesta, reproduzindo-se calligraphia igual, todas as vezes que o mesmo espirito volta. Seria preciso, pois, que o medium se tivesse exercitado em modificar a sua propria letra ao menos de vinte modos diferentes e, sobretudo, que pudesse recordar-se da que pertence a um ou a outro espirito.

A segunda circumstancia resulta da propria natureza das respostas que, na maioria dos casos, sobre-